

**IMPACTO CULTURAL E FIGURA MATERNA: REPRESENTAÇÕES DA MULHER CABO-VERDIANA NO CONTO “MÃE NÃO É MULHER”, DE DINA SALÚSTIO**

**CULTURAL IMPACT AND MATERNAL FIGURE: REPRESENTATIONS OF CAPEVERDIAN WOMEN IN THE SHORT STORY “MOTHER IS NOT A WOMAN”, BY DINA SALÚSTIO**

Genivaldo Rodrigues Sobrinho<sup>1</sup>  
Leticia Bazeleski Dias<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo analisa *Mornas eram as noites*, com foco na cultura e na representação feminina no conto “Mãe não é mulher”. Explora como elementos culturais, como mitos e tradições, moldam a personagem feminina, destacando sua função na transmissão de valores universais. Utiliza-se o apoio teórico as contribuições de Gomes (2008), Spínola (1998), Veiga (1998), Tedeschi (2023), entre outros. A pesquisa revela o potencial da literatura para abordar questões sociais e culturais, fomentando a reflexão crítica. Busca-se compreender as complexidades das narrativas literárias e a relevância da cultura e da figura feminina na construção de personagens e temas significativos.

**Palavras-chave:** Literatura cabo-verdiana; Dina Salústio; aspectos culturais; figura feminina.

**ABSTRACT**

The article analyzes *Mornas eram as noites*, focusing on culture and female representation in the short story “Mãe não é Mulher”. It is explored how cultural elements, such as myths and traditions, shape the female character, highlighting their role in transmitting universal values. The theoretical support used brings contributions of Gomes (2008), Lopes Filho (2003), Veiga (1998), Tedeschi (2023), among others. The research reveals the potential of literature to address social and cultural issues, encouraging critical reflection. The aim is to understand the complexities of literary narratives and the relevance of culture and the female figure in the construction of significant characters and themes.

**Keywords:** Cape-Verdean literature; Dina Salústio; cultural aspects; female figure.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1994), mestrado (2002) e doutorado (2010) em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo - USP. [genivaldosobrinho@unemat.br](mailto:genivaldosobrinho@unemat.br)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela UNEMAT e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras da UNEMAT – Campus Universitário de Sinop. [leticia.bazeleski@unemat.br](mailto:leticia.bazeleski@unemat.br)

## 1. Introdução

Dina Salústio é uma escritora cabo-verdiana cuja obra literária tem desempenhado um papel significativo na representação e expressão da cultura de Cabo Verde. A sua escrita reflete a importância dos elementos culturais cabo-verdianos na literatura de várias maneiras.

*Mornas eram as noites*, uma obra literária escrita por Dina Salústio em 1994, se refere a uma coletânea de 35 contos com uma narrativa poética que explora a vida e as experiências do cotidiano doméstico em Cabo Verde, abordando questões sociais e culturais do arquipélago por meio das mulheres. Os contos se caracterizam por seus textos curtos e objetivos, que apesar de pequenos trazem consigo uma enorme complexidade de sentimentos e experiências vivenciados pelas protagonistas.

O escritor argentino Júlio Cortázar (1993) apresenta uma abordagem única e inovadora em relação ao conto. Ele acreditava que o objetivo do conto não era apenas contar uma história ou transmitir uma mensagem direta, mas sim envolver o leitor em uma experiência literária que desafiasse as convenções tradicionais da narrativa. Ele ainda observa que é crucial ter uma compreensão vívida do que é um conto, mas isso é complicado, pois as ideias tendem a ser abstratas e desvitalizadas. Isso significa que as ideias sobre o conto podem torná-lo algo muito conceitual, algo que tenta categorizá-lo e definir sua essência de forma rígida.

O autor argumenta que a vida, que é a essência de um conto, rejeita essa tentativa de categorização e aprisionamento em definições estritas. A vida é algo fluido, em constante mudança, e não se encaixa facilmente em categorias conceituais. Para Cortázar (1993, p. 150):

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor

de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (Cortázar, 1993, p. 150).

A análise dos elementos culturais e da figura feminina na narrativa do conto “Mãe não é mulher”, da obra *Mornas eram as noites*, de Dina Salústio, fornece uma compreensão mais profunda da maneira como a autora utiliza o contexto cultural e as relações familiares para explorar questões de identidade, autoridade e valores morais. Este artigo busca demonstrar como os aspectos culturais e a figura materna desempenham papéis fundamentais na construção do protagonista e na transmissão de valores morais e éticos, revelando a riqueza das camadas culturais e a complexidade das relações familiares na obra.

Em seu título, a obra já comunica ao leitor que toda a trama está envolta dos elementos culturais de seu país, *Mornas eram as noites* pode ser traduzido como *Músicas eram as noites*, como Gomes (2008) menciona em seu livro *Cabo verde: literatura em chão de cultura*. As mornas são um gênero musical tradicional de Cabo Verde, um país arquipelágico formado de dez ilhas localizadas na costa oeste da África.

A morna é uma das formas musicais mais emblemáticas de Cabo Verde e tem raízes profundas na cultura do país. Ela é caracterizada por suas melodias melancólicas e líricas, letras poéticas e emotivas, que frequentemente exploram temas como saudade, amor, solidão, nostalgia e temas da vida cotidiana. Esse gênero musical tem um papel significativo na expressão artística e na preservação das tradições musicais do país.

[...] modalidade musical típica de Cabo Verde que veicula a poesia oral. Tradicionalmente canto de mulher, o entendimento do lugar cultural da morna no mundo cabo-verdiano pode derramar outras luzes sobre a significação do título: “música eram as noites” é uma leitura para *Mornas eram as noites*. Música de mulheres, em que a mulher é a peça principal (Gomes, 2008, p. 99).

Gomes (2008), ainda, reforça a ideia da escolha da palavra *Mornas* no título da obra, como forma de enfatizar a importância da mulher, já que as mornas são canções cantadas por mulheres, para mulheres. Os contos têm como objetivo descrever o dia a dia da mulher cabo-verdiana, e como essas ações rotineiras abafam o grito de dor e angústia gerado por ações de violência, miséria, abusos, opressão e monotonia.

As mulheres escritoras não apenas representam as correntes mais vivas e críticas do pensamento feminino, mas também impulsionam uma mudança fundamental na forma como a sociedade percebe e valoriza as mulheres. Elas desempenham um papel crucial na redefinição da identidade feminina, reivindicando um espaço para a autodeterminação e a liberdade, uma narrativa que é vital para a luta contínua pela igualdade de gênero e a emancipação das mulheres.

A forma da escrita ganha destaque deveras importante na abordagem do conto, isso porque, mesmo como o objetivo de demonstrar a importância e o impacto do comportamento feminino no desenvolvimento moral da sociedade, não houve a necessidade de buscar destaque em exposição exagerada, mas, utilizando-se de sutileza digna de uma sábia e consciente mulher, que busca ganhar seu espaço como escritora e, principalmente, como mulher capaz, por meio da forma discreta, porém marcante.

Losandro Antonio Tedeschi (2016) destaca a significativa contribuição das mulheres escritoras para as correntes mais vibrantes e críticas do pensamento feminino. Ao expressar suas vozes e experiências por meio da escrita literária, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental na defesa da liberdade feminina. Isso se traduz em uma necessidade essencial de redefinir a própria identidade social das mulheres, construindo-a de maneira autônoma e autêntica. Essa construção da identidade social é uma reação à longa história de definições impostas e opressões que as mulheres enfrentaram ao longo do tempo.

Nesse sentido, de acordo com Tedeschi (2016, p. 163):

As mulheres escritoras representam as correntes mais vivas e mais críticas do pensamento feminino. A libertação das mulheres, representada na escrita literária, defende a necessidade de uma nova referência do seu próprio ser, como construção de sua identidade social edificada por oposição a toda definição imposta, ao longo dos tempos.

Daniel Spínola (1998), crítico literário de Cabo Verde, argumenta que a obra *Mornas eram as noites* está inserida no estilo de ficção modernista, que deixa o leitor maravilhado diante de uma narrativa repleta de reviravoltas inesperadas, de emoções, de

dados e de eventos imprevisíveis. Sua escrita poética convida o leitor a dar um novo significado aos cenários apresentados.

## **2. Impacto cultural e materno em “Mãe não é mulher”**

A literatura, frequentemente, atua como um espelho da sociedade, refletindo os valores, crenças e tradições de uma cultura. No conto “Mãe não é mulher”, a escritora Dina Salústio mergulha, profundamente, na análise dos impactos culturais e da figura materna na construção do protagonista, revelando a riqueza das camadas culturais e a complexidade das relações familiares na obra.

Apesar do inequívoco papel da mulher em todas as suas faces frente à sociedade, em análise como esta, é imperativo olhar com mais atenção para, não apenas o que está estampado, mas enxergar nas entrelinhas a importância que a mulher exerce direta e indiretamente na formação cultural de uma sociedade. Muitas vezes, essa participação deixa de ser notada, infelizmente, por causa do fato de se tratar de coisas comuns e cotidianas, passando a não exercer ou promover o devido destaque.

Ao longo do conto, mesmo sendo apresentado por uma figura masculina a narrativa, é necessário perceber o destaque na exposição dos detalhes apresentados em relação ao papel da mãe. Isso possibilita inferir que as atitudes da mãe marcaram de tal maneira, que além de ter garantido o pleno desenvolvimento de seu filho, suas memórias ficaram impregnadas dos ensinamentos da sua progenitora.

A cultura cabo-verdiana serve como pano de fundo rico para a narrativa, permeando cada página do conto. Elementos culturais, incluindo mitos, tradições e valores, desempenham um papel significativo na construção da narrativa e na maneira como o protagonista percebe o mundo ao seu redor. A autora explora o impacto desses elementos culturais na identidade do protagonista, bem como na forma como ele se relaciona com sua mãe e com a sociedade. A cultura funciona como um alicerce sobre o qual o personagem se desenvolve, moldando suas crenças e comportamentos.

A figura materna, representada pela mãe do protagonista, é um elemento-chave na narrativa. A mãe não apenas desempenha o papel de cuidadora, mas também é uma transmissora de valores morais e éticos. A influência da mãe na vida do protagonista é

profunda e duradoura. A bofetada que ela lhe dá por responder mal é emblemática da autoridade materna e da maneira como as mães desempenham um papel essencial na educação de seus filhos. A mãe também recorre a histórias religiosas, como a de Nossa Senhora e Jesus, para ensinar lições morais e éticas.

Nesse sentido, a sutileza na administração dos problemas, reforça a inteligência e capacidade em transformar situações negativas em positivas, enaltecendo assim as habilidades de liderança em diversas situações. Essas pequenas atitudes somadas são as responsáveis por formar o adulto com base nos princípios éticos e o desenvolvimento da moral, em qualquer que seja a sociedade que esteja presente.

Para uma compreensão abrangente, deve-se aprofundar na narrativa completa desse conto, examinando como a cultura e a figura materna se entrelaçam na trajetória do protagonista e no tecido da história, revelando a profundidade desse impacto na vida do personagem central.

Esta história passou-se no tempo em que meu amigo era ainda um projecto de quase tudo o que conseguiu ser. E de tudo o que não conseguiu:

<- Nas reuniões secretas com os rapazes da minha idade, em que se fazia a aprendizagem da vida, em voz baixa, olhos e ouvidos atentos a intromissões estranhas, uma das coisas que se dizia era que bofetada de mulher na cara de rapaz impedia a barba de crescer. Mas, porque lá em casa quem fazia uso da bofetada era a minha mãe, redondinha e mais baixa do que eu, nos meus compridos dezesseis anos, sentia-me livre dessa ameaça. Pensava. Porque um dia respondi-lhe mal e aproveitou eu estar sentado e... pás!

A cara ardeu e, horrorizado, comecei a ver-me um homem sem barba nem bigode pelo resto da vida (Salústio, 2002, p. 33).

A narrativa oferece um retrato vivido da relação entre mãe e filho, evidenciando com clareza a dinâmica que existe entre eles. No centro dessa relação, destaca-se o papel de autoridade exercido pela mãe sobre o jovem. O temor da bofetada iminente da mãe, particularmente, no contexto da crença popular de que isso poderia afetar o crescimento da barba do filho, emerge como um elemento central e tenso da história.

A mãe é apresentada como uma figura que busca o melhor para seu filho, mesmo que sua abordagem seja marcada pela severidade. Essa autoridade materna é

uma demonstração de seu compromisso em orientar e educar o filho, mesmo que isso implique em medidas rigorosas. No cerne dessa relação, reside a preocupação da mãe com o bem-estar e o desenvolvimento do filho, ressaltando o desejo dela de prepará-lo para a vida adulta e de protegê-lo de possíveis equívocos.

Essa interação entre mãe e filho destaca a complexidade das relações familiares, nas quais a autoridade e o cuidado podem coexistir de maneira intrincada. A mãe, apesar de sua rigidez, revela uma motivação central: o desejo de ver seu filho crescer e prosperar. A narrativa aborda, assim, a dualidade das relações parentais, em que amor e a autoridade muitas vezes se entrelaçam, formando uma base para a educação e a orientação dos filhos.

Silenciei-me observando a minha angústia, olhando-me o tempo todo num espelhinho, rezando para que os pelinhos, que já tinha na cara, não sumissem durante o sono.

Mergulhado na minha tragédia, deixei de estudar, comer e dormir. Logo que a minha mãe soube do meu desgosto contou-me uma história que não vem na Bíblia, mas que ela jurava ser verdadeira, como aliás todas as outras que contava (Salústio, 2002, p. 33).

No desenrolar da narrativa, emerge um momento comovente, no qual a mãe capta com sensibilidade a angústia e a preocupação, profundamente, arraigadas no coração de seu filho. A perspectiva de perder sua barba e bigode após uma bofetada cria um fardo emocional sobre o protagonista, e a mãe, ao perceber isso, responde com uma demonstração notável de compreensão e empatia. Este é um indicador vívido de afetividade em sua relação.

A mãe, ao utilizar uma história para acalmar seu filho, não só oferece um refúgio emocional, bem como se torna um farol de apoio e compreensão. Sua atitude de tranquilizar o filho e cuidar de seu bem-estar emocional ecoa como um testemunho tangível de seu vínculo emocional. É um exemplo eloquente de como as relações familiares são enriquecidas por atos de compreensão e empatia, e como essas demonstrações de carinho podem fortalecer os laços afetivos. A narrativa captura de maneira notável essa conexão emocional, destacando o papel fundamental da afetividade na construção das relações familiares.

Um dia Nossa Senhora mandou Jesus fazer um recado à casa da sua irmã Isabel. Jesus foi e veio na pressa que o caracterizava (a minha mãe era especialista em indirectas).

Seguidamente, mais duas vezes, ele foi com outros recados à casa da tia, até que a quarta vez, quando Nossa Senhora lhe pediu de novo, o filho olhou para ela e disse-lhe: <Tu, também, mamã!> Nossa Senhora, zangada com o <também> do filho, deu-lhe uma bofetada.

Ao que parece, a mãe de Jesus, como as mães de Santo Antão, não gostava que o filho lhe respondesse com aquela palavra, que, pela minha experiência, era o indicador máximo de má criação e falta de respeito.

Se Jesus aceitara a bofetada, ele que era filho de Deus, naturalíssimo era que eu, pelo mesmo pecado, recebesse o mesmo castigo e o aceitasse, com humildade igual (Salústio, 2002, p. 34).

A narrativa apresenta uma interessante dimensão religiosa, ao fazer referência à figura de Nossa Senhora e à história relacionada a Jesus e sua mãe. Essa adição de elementos religiosos confere um componente espiritual à trama e se torna um instrumento de justificação para as ações da mãe. A mãe estabelece uma conexão simbólica entre a atitude de Jesus e a atitude de seu filho, realçando a importância do respeito e da obediência, paralelismo que ressoa como uma lição moral.

A mãe utiliza a história de Jesus e Nossa Senhora como um exemplo de autoridade e dignidade, buscando fundamentar suas próprias atitudes na narrativa religiosa. Quando apela para a autoridade de Nossa Senhora, ela coloca suas ações em um contexto de respeito, reverência e moralidade, e procura transmitir valores éticos fundamentais. Essa ligação com a história religiosa ilustra como as histórias e os mitos podem ser empregados como ferramentas pedagógicas e morais, não apenas no contexto da religião, mas também na educação e na transmissão de valores na vida cotidiana.

Claro que com tão divino exemplo, e depois de contemplar pela milésima vez o rosto barbudo de Jesus, numa imagem que a minha mãe foi desencantar, não sei aonde, a paz foi refeita.

Agora, pensando na minha mãe é que eu vejo como ela se identificava com Nossa Senhora e falava dela, como uma amiga. Às vezes dizia: Maria sofreu muito porque Jesus às vezes saía e nem lhe dizia para onde, mas eu não vou admitir que tu faças o mesmo.

Olha o que lhe aconteceu no fim! (Salústio, 2002, p. 34).

O texto revela de maneira notável a forma com que a mãe do protagonista estabelece uma forte identificação com a figura de Nossa Senhora e utiliza histórias religiosas como um meio de moldar as atitudes e comportamentos de seu filho. A mãe demonstra uma perspicácia notável ao aproveitar a influência simbólica de Nossa Senhora, para justificar suas próprias ações, agregando um componente espiritual e moral à sua educação. É interessante observar como ela enxerga Nossa Senhora como mais do que uma figura religiosa distante; ela a percebe como uma amiga próxima, como alguém com quem pode se relacionar em nível pessoal.

A mãe, ao adaptar a vida da mãe de Jesus e a história religiosa à sua própria realidade, estabelece um vínculo afetivo com a figura de Nossa Senhora. Ela utiliza essa conexão para tornar as histórias religiosas mais relevantes para a vida de seu filho e para transmitir valores morais e éticos. Em assim fazendo, ela cria uma ponte entre o divino e o cotidiano, oferecendo ao protagonista uma maneira mais acessível de compreender e internalizar as lições morais.

Essa adaptação e identificação com as histórias religiosas não apenas revelam a habilidade da mãe em educar seu filho de forma eficaz, como também enfatizam como a espiritualidade e a religião podem ser integradas de forma significativa nas experiências do dia a dia. É uma demonstração impressionante de como a mãe enriquece a vida de seu filho, oferecendo-lhe não apenas uma base religiosa, mas ao mesmo tempo uma compreensão mais profunda do significado e da relevância das histórias religiosas em sua própria jornada.

A minha mãe adaptava a vida de Jesus às suas conveniências, no fundo, jogando com a minha pouca idade. E continuou a fazê-lo, mesmo depois de eu crescer e de ela ter provas que eu me deixara de impressionar. Contudo, foi às fantasias da minha velha que eu fui buscar forças para enfrentar o drama de ficar sem barba: Se Jesus dizia que mãe podia bater na cara, mulheres é que não, então não havia motivo para preocupações>.

Ao contar-vos esta história, lembro-me de uma vez em que um dos meus filhos, ainda adolescente e confuso, me perguntou: Mãe, se fosses mulher, tu gostavas de mim? (Salústio, 2002, p. 34).

O desfecho da narrativa nos reserva uma pergunta intrigante, formulada pelo filho e direcionada à sua mãe, que desperta reflexões profundas sobre a complexidade das relações familiares e da percepção mútua. Ele questiona como sua mãe o veria se fosse uma mulher. Essa pergunta revela a visão que o filho tem da mãe, uma visão que a coloca, predominantemente, como uma figura de autoridade e cuidado, em vez de uma figura feminina a ser desejada ou admirada.

Nesse questionamento, podemos detectar a suposição de que a mãe é vista como uma presença materna essencial em sua vida, alguém que o orienta, protege-o e o educa, mas que não é valorizada pelo filho em termos de sua feminilidade ou atratividade. A pergunta destaca a separação de papéis nas relações familiares, em que a mãe é muitas vezes percebida em sua função de cuidado e orientação, mas não necessariamente como uma mulher com desejos e aspirações individuais.

Essa questão finaliza o texto de forma impactante, pois nos leva a considerar como as dinâmicas familiares e as percepções dos papéis de gênero podem influenciar a forma como vemos nossos entes queridos. Ela sugere a necessidade de uma reflexão mais profunda acerca das complexas interações familiares e as maneiras como as figuras parentais são percebidas por seus filhos. É um lembrete de que, por trás das funções de cuidado e autoridade, as pessoas também têm identidades individuais e aspirações que merecem ser reconhecidas e respeitadas.

Essas histórias e lições, muitas vezes moldadas pela cultura cabo-verdiana, ajudam a compreender o impacto da cultura e da figura materna na formação do protagonista. A relação entre o protagonista e sua mãe é um microcosmo das complexas relações familiares que são uma parte essencial da vida cultural de Cabo Verde. A narrativa revela como essas relações são influenciadas por tradições culturais, profundamente, enraizadas.

Outro ponto notável e intrigante na narrativa é a presença marcante da narradora, mesmo enquanto ela conta a história de um personagem masculino. Isso lança luz sobre um aspecto crucial do processo de escrita: o desejo da autora de permanecer presente na narrativa, de deixar sua marca e sua voz no texto. Essa abordagem revela que um dos

objetivos mais profundos de sua escrita é transcender os limites das páginas e se tornar um instrumento de representação para outras mulheres.

A voz autoral, ao se fazer presente na narrativa, sutilmente, expressa seu papel como uma voz feminina na literatura. Ela não se limita a contar a história de um personagem masculino, mas, de maneira silenciosa, insere sua própria perspectiva, experiências e visões no tecido da história. Isso não apenas reforça a importância da representação feminina na literatura, bem como demonstra um compromisso com a promoção da igualdade de gênero e com a quebra de estereótipos de gênero.

Na Bíblia, muitas das histórias que envolvem personagens femininas são narradas por homens e refletidas através de uma perspectiva patriarcal. Personagens como Eva, Maria, e Ruth são frequentemente apresentadas e interpretadas através do olhar masculino. Esse filtro pode distorcer a experiência feminina, encaixando-a em narrativas e valores que servem à sociedade patriarcal da época. Por exemplo, Eva é vista principalmente como a responsável pelo pecado original, uma visão que enfatiza a culpa e a submissão das mulheres. Deste modo, a voz feminina não é autêntica, mas uma construção masculina.

Já a narrativa do conto ilustra o poder da escrita como uma ferramenta para dar voz às experiências e perspectivas das mulheres. A presença da autora na narração como um ato de resistência e empoderamento é uma abordagem que vai além da simples inserção autobiográfica ou da escrita em primeira pessoa. É uma estratégia consciente de contestação e de redefinição de papéis dentro da literatura, historicamente dominada por vozes masculinas.

Primeiramente, ao utilizar sua própria presença na narração, a autora reivindica a autoridade sobre sua história e experiência. Em contextos onde as narrativas femininas foram tradicionalmente silenciadas ou marginalizadas, essa autoafirmação é um ato de resistência. A autora se recusa a ser objeto de análise ou personagem secundária em histórias contadas por outros. Em vez disso, ela se coloca como sujeito ativo, detentora da voz que narra e interpreta os eventos. Isso desafia as estruturas patriarcais da literatura que historicamente relegaram as mulheres a papéis passivos ou a representações estereotipadas.

Além disso, ao fazer isso, a autora não está apenas contando uma história pessoal. Ela está criando um espaço literário onde outras mulheres podem ver suas próprias experiências refletidas e validadas. A narração em primeira pessoa torna-se, assim, um convite implícito para que outras mulheres também se levantem e ocupem esse espaço. A autora demonstra que as histórias das mulheres são dignas de serem contadas e ouvidas, que suas vozes têm valor e impacto. Este ato de tomar a palavra inspira e empodera outras mulheres a fazerem o mesmo, criando um efeito de reverberação que amplia a presença feminina na literatura.

Esse empoderamento através da narração também implica uma redefinição de identidade e de comunidade. Ao compartilhar suas experiências, a autora estabelece uma conexão com suas leitoras, criando uma rede de solidariedade e apoio mútuo. Essa rede não só fortalece as mulheres individualmente, mas também promove uma transformação coletiva na percepção e valorização das narrativas femininas. Cada ato de narração pessoal se torna um tijolo na construção de uma literatura mais inclusiva e representativa.

Portanto, a presença da autora na narração é um gesto de resistência contra a exclusão e um ato de empoderamento que inspira outras mulheres a ocuparem seu espaço na literatura. Ao fazer isso, ela não só afirma a importância de sua própria voz, mas também abre caminho para que outras mulheres façam o mesmo, contribuindo para uma mudança significativa na paisagem literária.

Com efeito, a narrativa não é apenas a história do personagem masculino. É da mesma forma um eco do desejo da autora de dar voz a outras mulheres, oferecendo um reflexo autêntico de suas vidas, aspirações e desafios. É uma lembrança poderosa de que a escrita feminina não é apenas sobre contar histórias, mas também sobre redefinir narrativas e ampliar horizontes.

Em suma, o conto “Mãe não é mulher” exemplifica como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para explorar questões sociais e culturais. Ao analisar as representações culturais e a figura feminina nesse conto, a autora destaca a importância da cultura e da figura materna na formação de personagens e na transmissão de valores morais e éticos. Esse estudo incentiva a reflexão crítica sobre a complexidade das

relações familiares e a riqueza das camadas culturais, contribuindo para uma conscientização mais profunda sobre o impacto da cultura e da figura materna na obra e na sociedade cabo-verdiana como um todo.

### **3. Considerações Finais**

Dina Salústio, por meio de suas obras, empreende uma exploração profunda das raízes culturais de Cabo Verde, levando-nos a uma viagem pelas intrincadas teias que compõem a identidade desse país insular. A autora, frequentemente, pincela sua narrativa com elementos que ecoam a história e as tradições da nação, desde os dolorosos legados da escravidão até as narrativas de migração que moldaram a diáspora cabo-verdiana.

A música, a dança e os rituais culturais emergem como protagonistas, reforçando a vibrante herança cultural do arquipélago. Dina Salústio, como uma hábil contadora de histórias, utiliza esses elementos não apenas para iluminar a rica história do país. Busca ao mesmo tempo promover uma compreensão mais profunda e uma valorização das raízes culturais cabo-verdianas. Suas palavras se tornam um veículo para o enaltecimento dessa herança singular.

Em suas obras, a autora não se abstém de explorar questões de gênero e a experiência das mulheres cabo-verdianas. Ela dá voz às inúmeras histórias que permeiam a vivência feminina, destacando questões que vão desde o empoderamento e a luta por uma voz na sociedade até as complexas dinâmicas familiares que sustentam a estrutura social cabo-verdiana. Ao fazê-lo, Dina Salústio não apenas revela as lutas e triunfos das mulheres na realidade cabo-verdiana, lança também uma luz sobre as forças que moldam suas identidades e destinos.

O impacto da religião surge de maneira inconfundível na narrativa, com referências a figuras sagradas como a Virgem Maria, Nossa Senhora e Jesus. A mãe, figura central na história, utiliza histórias religiosas para transmitir lições de moral e comportamento ao filho, destacando a importância da espiritualidade em sua família. Essas histórias servem não apenas como narrativas religiosas, mas como parábolas que

orientam a ética, a moralidade e o respeito, desempenhando um papel vital na construção do caráter do protagonista.

A análise literária desse texto nos conduz a uma exploração profunda das complexidades da identidade, da influência familiar e da religião. Revela a maneira como as histórias e mitos, sejam eles culturais ou religiosos, podem servir como alicerces para nossas crenças e ações. À medida que nos aprofundamos nessa narrativa, descobrimos as complexidades subjacentes às relações humanas e como a literatura pode servir como um espelho fiel das experiências de vida e das influências que nos moldam.

A obra de Dina Salústio, ao costurar esses fios de cultura, gênero e religião, nos convida a refletir sobre as raízes de nossa própria identidade e a compreender como esses elementos fundamentais moldam nossa jornada na vida.

## Referências

- CORTÁZAR, Júlio. *Valise de cronópio*. 2a. edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- GOMES, Simone Caputo. Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.
- SALÚSTIO, D. *Mornas eram as noites*. 3. ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.
- SPINOLA, Daniel. VEIGA, Manuel. Mornas eram as noites. In: *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala, 1998, p. 205-208.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído*, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5217>. Acesso em: 24 out. 2023.
- VEIGA, Manuel. *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala, 1998.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 15/05/2024

*Revista de Letras Norte@mentos*

178

Dossiê Temático “Acolhimento, discussão e combate do sofrimento psíquico de mulheres em textos narrativos e poéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e nas literaturas afro-diaspóricas”, Sinop, v. 17, n. 48, p. 165-178, jun. 2024.